
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

Regina Célia dos Santos Alves¹ (UEL)
e André Pinheiro² (UFPI)

Em um contexto como o atual, em que a ação transformadora e destrutiva humana alcançou índices alarmantes, colocando em risco de maneira cabal muito da vida e das formas do planeta, pensar a paisagem em diversas frentes do conhecimento pode parecer, como afirma Augustin Berque, algo contraditório, pois, para o autor, a existência dos mais diversos dispositivos para pensar a paisagem, como os que hoje já temos elaborados, não diminuiu a crescente ação destruidora do ser humano:

Quanto a nós, ao contrário, nada assegura que sejamos capazes disso. Nunca falamos tanto de paisagem como em nossa época, nunca tivemos tantos paisagistas (aqui no sentido de profissionais do ordenamento da paisagem), nunca publicamos tantos livros de reflexão sobre a paisagem (isso é o que fizemos mais), em resumo, jamais devastamos tanto as paisagens. Somos tagarelas, bons faladores da paisagem, em total contradição com nossos discursos, pois nossos atos caminham em sentido oposto. Quanto mais se pensa na paisagem, mais ela é massacrada. (2023: 16)

Esse fenômeno é bastante preocupante, pois, como afirmam muitos geógrafos, a paisagem constitui uma espécie de registro da passagem do homem pelo mundo. Destruí-la, por conseguinte, seria apagar os traços de nossas experiências passadas, de nossa própria ancestralidade. Essa constatação de Berque, no entanto, não retira a importância e o mérito da paisagem na contemporaneidade e na existência do sujeito humano. Ao contrário, o geógrafo vê naquilo que nomeia pensamento-paisagem – presente desde há muito na história da humanidade, mesmo quando sequer havia um termo para nomear a paisagem –, uma relação íntima, visceral, inseparável entre o Homem e o mundo, expresso de maneira intensa nas paisagens.

Nesse sentido, o pensamento-paisagem convocaria a uma forma relacional de se fazer no mundo, “trajetiva”, fenomênica, distante, portanto, do dualismo cartesiano a orientar, de acordo com Berque, o paradigma ocidental moderno do conhecimento

¹ reginacsalves@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5051-1907>

² andrepinheiro@ufpi.edu.br - <https://orcid.org/0000-0003-1404-9043>



ancorado no etnocêntrico, no geométrico e no mecânico (2023). Em direção semelhante, Michel Collot também reclama um pensamento-paisagem, não exatamente a partir das mesmas perspectivas de Berque, mas de igual maneira entendendo, com a expressão, uma forma de pensamento e conhecimento não dualista e opositiva. Para Collot, na paisagem encontra-se o princípio da experiência, na existência da correlação e não da exclusão:

Ao evocar um “pensamento-paisagem”, eu gostaria de fazer com que se compreenda uma relação com duplo sentido e recíproca entre o homem e o cosmos. A justaposição dos dois termos tenta transpor uma forma habitual de poesia e uma das possibilidades propostas pelo pensamento por uma língua como o chinês que, evitando as articulações sintáticas, permite criar enunciados suscetíveis de muitos entendimentos. No sintagma que se tornou título de uma de minhas obras mais recentes, paisagem e pensamento entram em uma relação de aposição, aberto a várias interpretações: permite, ao mesmo tempo, sugerir que a paisagem provoca o pensar e que o pensamento se desdobra como paisagem. (2013: 12)

Dessa perspectiva, não obstante a polissemia do conceito de paisagem e seu entendimento particular de acordo com a área em que é mencionado, parece haver, sobretudo nos estudos mais recentes, um consenso acerca do aspecto cultural da paisagem, a envolver a experiência do ser com o mundo. A paisagem não é, portanto, um objeto, exterior ao humano, mas uma experiência e um modo específico de ver, sentir e estar no mundo.

No campo da representação, a paisagem necessariamente está ligada a um processo de artialização, a um ato de interpretação e invenção, que a revela como “uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada na tela, em papel ou no solo” (Besse 2014: 14). No trabalho do artista, do escritor no caso, a criação de paisagens pode ser entendida como uma “leitura” que não fala só do mundo material e exterior, mas do encontro do ser humano com o mundo, expondo o próprio sujeito humano em suas crenças, valores, atitudes e buscas.

É na criação artística, dessa maneira, que o pensamento-paisagem, como o compreendem Collot e Berque, parece se manifestar de maneira mais pungente, pois, como afirma Jean-Marc Besse, “É do lado dos artistas e das linguagens novas que eles propõem que, talvez, possamos aprender e apreciar as paisagens nas quais a organização da vida contemporânea nos levou a viver” (2014: 26). Evidentemente, ao longo dos séculos, os escritores criaram determinados arquétipos de representação paisagística que costumeiramente invadem o plano literário, mas ainda assim tais modelos tendem a evidenciar a relação do Homem com o mundo.

Um procedimento bastante recorrente, por exemplo, é retratar a paisagem como uma espécie de metáfora das emoções humanas, dos estados de espírito e até mesmo de determinadas condições sociais. Em muitos casos, a paisagem figura como

espelhamento da índole e do humor das personagens, do narrador ou do eu-lírico. Não se pode esquecer que, no período do Romantismo, a paisagem desempenhou um papel fundamental para a estruturação do imaginário da época. Os escritores românticos viam a paisagem não apenas como uma fonte de inspiração, beleza e verdade, mas sobretudo como uma forma de experienciar o sentimento do sublime e a grandiosidade do cosmos.

Nas abordagens mais recentes, contudo, a paisagem parece ter adquirido uma conotação mais política, pois os escritores contemporâneos frequentemente abordam preocupações ambientais em suas narrativas, usando a paisagem como uma maneira de refletir sobre questões como mudanças climáticas, degradação ambiental e sustentabilidade. No fim das contas, a representação de paisagens no texto literário muitas vezes desempenha um papel crucial para a construção de identidades vinculadas a um determinado lugar ou época, o que já atesta a sua natureza cronotópica.

O presente volume da revista *Terra Roxa e Outras Terras*, com o dossiê “Configurações da paisagem na literatura”, reúne artigos que colocam em cena não apenas discussões contemporâneas em torno da paisagem, mas especialmente a capacidade da arte literária de ser um lugar singular de manifestação do pensamento-paisagem, ao fornecer, de acordo com Collot, “a mais forte expressão deste ‘espaço-vivido’” (2013: 15) que é a paisagem, no qual a fixidez e as oposições são substituídas pelo movimento constante e pela intercambialidade. Em todos os diferentes estudos que compõem o volume, que trazem à cena produções literárias de diferentes gêneros, lugares e tempos, é esse convite a “pensar de um outro modo” (Collot 2013: 11), “trajetivo”, que parece fundamentar as mais diversas paisagens construídas pela literatura.

No artigo “O pensamento-paisagem em três narrativas portuguesas do século XX – *Bocas tortas*, *Finisterra* e *Um beijo dado mais tarde*”, a leitura recai sobre três importantes romances portugueses que se destacam por discutir a fixidez dos lugares tanto da ficção quanto da referencialidade, chamando a atenção para a relatividade e para o movimento de trânsito que os envolve.

Em “Lâminas” de Rocha: Alegorias babélicas da ruína” a leitura parte do livro de poemas *Lâmina*, do autor português Jaime Rocha, e atém-se aos movimentos paradoxais das paisagens criadas pelo poeta, responsáveis pelas discussões em torno da ideia de ruína.

Em “Solidão da personagem-paisagem na ficção de Víctor Heringer”, a investigação centra-se no romance *O amor dos homens avulsos* (2016), do escritor brasileiro Víctor Heringer, a partir da ideia de personagem-paisagem, binômio que sustenta a fusão entre paisagem e personagem e colabora para o desenvolvimento de temas caros ao romance em questão, como o sistema patriarcal, a opressão de gênero, as sexualidades dissidentes e a repressão política.

“Paisagens, identidades, deslocamentos: o romance *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch* de Usama Al Shahmani” investiga, no romance de Shahmani, um questão cara à contemporaneidade: os processos migratórios no mundo atual e a

identidade dos sujeitos. Nesse contexto, a paisagem surge como potência reveladora do ser e do fazer no mundo a partir do outro, dos encontros e desencontros.

“Os sentidos do sertão: lugar e espaço na ficção de João Guimarães Rosa e Maria Valéria Rezende” faz uma leitura comparativa entre *Grande sertão: veredas*, de Rosa, um marco da ficção brasileira de meados do século XX, e o romance *Outros cantos*, de 2016, de Maria Valéria Rezende. A aproximação entre as duas obras parte, sobretudo, da construção do sertão enquanto paisagem, espaço vivido, indelévelmente ligado a uma subjetividade e, portanto, não limitado à materialidade do espaço regional.

“Figurações da ilha na poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade” discute os sentidos da ilha na poesia da escritora portuguesa Natália Correia, desde sua condição geográfica e de seus aspectos materiais até suas configurações metafóricas, atreladas tanto à identidade individual da autora quanto a um sentido universal, condição paradoxal desenhada pela palavra em estado de poesia.

“Bocas tortas: naturalismo sertanejo e literatura das secas no Brasil” analisa, a partir de dois romances brasileiros do século XIX, *Os retirantes* (1879), de José do Patrocínio, e *Ataliba, o Vaqueiro* (1878), de Francisco Gil Castelo Branco, a passagem de um olhar e de uma imagem eufóricos do sertão desenhados pelo idealismo romântico para uma construção mais desencantada do espaço sertanejo assolado pela seca.

“A montanha e o poeta: um avarandado para os Andes em poemas de João Cabral de Melo Neto” apresenta um estudo da paisagem andina em poemas de João Cabral, resultantes de viagens diplomáticas do escritor por países andinos entre os anos de 1979 e 1981, a maioria deles publicados em *Agrestes*. Na elaboração das paisagens do lugar, fica evidente a interpenetrabilidade entre o externo e o interno, o ser e o mundo.

“Paisagem sublime e paixão: Gonçalves Dias leitor de Turquety” investiga as razões da presença marcante do escritor Édouard Turquety na obra *Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias, e seu desaparecimento nas obras posteriores, dado que parece confirmar uma busca poética outra empreendida pelo escritor maranhense em seus escritos seguintes no alcance do sublime.

“O uso trágico da paisagem em *Wuthering Heights* (1847), de Emily Brontë”, aborda a construção e a significação da paisagem no romance da escritora britânica a partir da interrelação entre o lugar, as personagens e as situações por elas vivenciadas. Nesse movimento, a paisagem carrega a potência do elemento trágico que permeia a narrativa.

“A paisagem na obra de Fernando Namora” investiga a importância da ideia de pensamento-paisagem na obra do escritor português. Para tanto, analisa pinturas e poemas do autor em que a paisagem é elemento catalisador de um diálogo interartístico.

“Texto literário e ampliação de horizontes” apresenta uma proposta de atividades aplicadas ao ensino básico e tem por objetivo a formação do leitor. Em um primeiro

momento, as atividades são direcionadas para a leitura da paisagem em poemas e, num segundo momento, para o exercício dos alunos na compreensão de seus próprios lugares enquanto espaço vivido, ao mesmo tempo interno e externo, individual e coletivo.

“Imaginário, memória e paisagens em poemas de Cora Coralina e de Carlos Drummond de Andrade” propõe uma leitura comparativa entre os poemas “Becos de Goiás”, Cora Coralina, e “Cidadzinha qualquer”, de Drummond, analisando, nos dois textos, os vínculos entre paisagem, memória e imaginário conformados pela linguagem poética.

“Paisagens de pedra em *Poemas Italianos*, de Cecília Meireles, analisa o movimento do olhar da poeta na construção das paisagens do outro lugar, no caso a Itália. Na leitura, o destaque é dado à pedra, não apenas uma materialidade, mas importante elemento simbólico na construção das paisagens estrangeiras.

“José de Alencar e a paisagem através de um diorama” propõe uma leitura instigante das obras *Iracema* e *Ubirajara* ao aproximar as construções paisagísticas feitas por Alencar nos dois romances aos dioramas, comum nos museus do século XIX. Como os dioramas, as paisagens alencarianas podem ser entendidas como um quadro realístico do cotidiano, expressando uma necessidade característica da época em que foram produzidas.

“A natureza em labirinto de espelhos em *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe” analisa o romance do escritor português contemporâneo. Na leitura feita da obra, destaca-se o movimento relacional entre a personagem Halla e a natureza da Islândia na experiência da paisagem estrangeira.

Por fim, “A cidade e a paisagem de uma existência distante: um olhar existencialista em *Aparição*, de Vergílio Ferreira” aborda a constituição das paisagens e imagens no romance do escritor português, as quais traduzem a experiência da tensão de um mundo urbano moderno.

De certo modo, esse conjunto de artigos revela não apenas a importância da paisagem para a construção do texto literário, mas sobretudo a sua relevância para se promover uma interpretação consistente da condição humana. Com efeito, paisagens são uma espécie de texto que carrega valores e sentidos diversos; ler o mundo através das paisagens envolve a compreensão de fatores de ordem material, cultural e simbólica. E adentrar no texto por meio desses espaços significa caminhar pelas bases mais sólidas de nossa existência.

OBRAS CITADAS

BERQUE, Augustin. *O Pensamento-paisagem*. Trad. de Vladimir Bartalani e Camila Gomes Sant’Anna. São Paulo: EDUSP, 2023.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo. Exercícios de paisagem*. Trad. de Anne Cambe. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. de Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.